

Desinformação e “fake news” no contexto da pandemia no Brasil

Gislane Pereira Santana

Universidade de Brasília, Faculdade Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil

santana1204@gmail.com

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Universidade de Brasília, Faculdade Ciência da Informação, DF, Brasil

elmira@unb.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n2.2021.36692>

Recebido/Recibido/Received: 2020-11-21

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2021-02-26

Resumo: Esse artigo analisa as informações identificadas e registradas como *fake news* no site do Ministério da Saúde do Brasil durante o primeiro ano da pandemia, e também informações avaliadas por “checadores”, plataformas utilizadas para verificar, contextualizar ou minimizar a desinformação nas redes e mídias sociais. No levantamento das informações foi utilizado um *software* para extrair os dados nas páginas do Ministério da Saúde durante o início da crise no Brasil. Com o uso de uma ferramenta de análise de texto buscou-se categorizar os termos mais registrados nas plataformas, mostrando também as expressões utilizadas pelos internautas ao disseminarem falsas informações, possibilitando a comparação com os temas avaliados por outros checadores que observam a circulação de falsas informações em temáticas relacionadas à crise sanitária no Brasil e sua motivação.

Palavras-chave: Covid-19. Informação falsa. Programa checador.

Disinformation and “fake news” in the context of the pandemic in Brazil

Abstract: This article analyzes the information identified and registered as fake news on the website of Brazilian Ministry of Health during the pandemic, as well as information evaluated by “Fact-Checking”, platforms used to verify, contextualize or minimize misinformation on social networks. A software was used to extract the data from the Brazilian Ministry of Health website during the beginning of the crisis, and with a text analysis tool, to categorize the most registered terms on the platforms, showing also the expressions used to disseminate “fakenews”, and compare with the topics evaluated by other “Fact-Checking”, used to observe the circulation of false information on the health crisis in Brazil and its motivation.

Keywords: Covid-19. False information. Fact-checking program.

Desinformación y falsas noticias en el contexto de pandemia de Brasil

Resumen: Este artículo analiza la información identificada y registrada como “fake news” en el sitio web del Ministerio de Salud de Brasil durante la pandemia, así como la información evaluada por “Fact-Checking”, plataformas utilizadas para verificar, contextualizar o minimizar la desinformación en redes y medias sociales. En análisis de la información, se utilizó un software para extraer los datos de las páginas del Ministerio de Salud de Brasil durante el inicio de la crisis en Brasil, y con el uso de una herramienta de análisis de texto se buscó categorizar los términos más registrados en el plataformas, mostrando también las expresiones utilizadas por los internautas para difundir información falsa, lo que permite comparar con los temas evaluados por otros revisores e observar la circulación de información falsa sobre temas relacionados con la crisis de salud en Brasil y su motivación.

Palabras clave: Covid-19. Información falsa. Programa Fact-Checking.

1 Introdução

Mesmo com um intervalo de mais de 100 anos entre a gripe espanhola do início do século XX e a atual pandemia provocada pelo Covid-19, há vários aspectos comuns observados entre as duas situações, incluindo a desinformação e a proliferação de falsas notícias. A medicina e os tratamentos evoluíram, bem como os meios de comunicação e as tecnologias indicadas para informar e apoiar a saúde da população. Entretanto, quando se compara a época da gripe espanhola com a Covid-19 atual, há evidências de um despreparo por parte das autoridades em conduzir uma situação de crise sanitária, bem como da população em adotar com seriedade as medidas preventivas. Paralelamente à espantosa estatística de mortos, a desinformação e a proliferação de “falsas informações” (*fake news*) sobre a doença acentuam o problema.

No período da gripe espanhola (1918-1920) também havia desinformação, incertezas e especulações. As notícias de alguns jornais destacavam, por exemplo, que a doença havia sido criada pelos alemães em laboratórios, como se especula atualmente sobre a China, e muita gente imaginava no século passado que a “peste” era produzida, engarrafada e distribuída por submarinos nas proximidades dos países inimigos (ALVES, 2020). A pandemia atual também tem estimulado o surgimento de boatos e falsas informações disseminados nas redes sociais sobre uma possível guerra biológica, com um vírus criado em laboratório de forma proposital. Na América do Norte, circulam notícias de que a China criou o vírus e espalhou nos Estados Unidos. Na China acredita-se o contrário, que os Estados Unidos levaram o vírus para a Ásia e Europa (ALVES, 2020). Esse cenário de falsas informações e “infodemia” é um dos problemas que a pandemia revelou.

2 Objetivo e etapas da pesquisa

O objetivo dessa investigação é avaliar o serviço de informação da página do Ministério da Saúde do Brasil, identificando falsas informações sobre a pandemia para confrontá-las com informações verificadas por outros “Checadores”, que corroboram para analisar o impacto da desinformação e das *fake news* no contexto da pandemia no Brasil. O trabalho traz inicialmente uma contextualização da crise sanitária, logo em seguida faz um contraponto com a desinformação durante a Covid e as lições da Gripe Espanhola. Posteriormente apresenta a situação do Coronavírus no Brasil, a proliferação das Fakes News e as estratégias para o enfrentamento da desinformação.

3 Desinformação durante a Covid e as lições da Gripe Espanhola

Há muitas semelhanças entre a desinformação e a proliferação de falsas notícias durante a gripe espanhola e a crise sanitária atual. Nas duas pandemias há problemas de cunho político, que também podem afetar indiretamente nos meios de enfrentamento, e até desconhecimento sobre o verdadeiro número de mortos. A população diante do cenário de incertezas fica desassistida pelo poder público, sem informações precisas ou orientação para as dúvidas que surgem sobre a eficácia das medidas de combate ao vírus e os planos de vacinação. A “Gripe Espanhola” tem esse nome porque foi inicialmente divulgada nos jornais espanhóis. Os jornais daquele período estampavam o aumento do número de vítimas, destacando a falta de controle sanitário e alimentos como problemas originados pela guerra e potencializados pela epidemia. Especula-se que a gripe espanhola matou entre 1918 e 1920, mais de 20 milhões de pessoas em todo o mundo, número maior que na Primeira Guerra Mundial com aproximadamente 8 milhões de mortos. (KIND, CORDEIRO, 2020). As classes baixas ou pobres, trabalhadores na faixa etária de 20 a 40 anos, eram as principais vítimas, pois ficavam expostos às péssimas e prolongadas jornadas de trabalho.

No Brasil a gripe espanhola matou aproximadamente 300 mil pessoas. Na época, as ações adotadas para o combate à pandemia foram a quarentena e o isolamento social. Historiadores e pesquisadores lembram que na época o Diretor de Saúde Pública (que corresponde ao cargo atual de ministro da saúde), Carlos Seidi, considerado um dos mais eminentes sanitaristas brasileiros (ocupou o posto entre 1912 e 1918), não levou a sério a pandemia (ALVES, 2020). A autoridade responsável pela política de enfrentamento preferiu negar a crise. Mesmo com o número de mortos subindo, declarava que não era um problema de saúde pública, e tentava impedir os meios de comunicação de divulgar a crescente quantidade de mortos, dizendo que o isolamento e a quarentena não tinham base legal e comprovação científica. Para o diretor tudo aquilo era sensacionalismo, e a imprensa disseminava o pânico (ALVES, 2020).

Durante a Gripe Espanhola afirmava-se no Brasil de 1918 que a gripe era uma doença comum, rápida e benigna. Isso revela o descaso do governo brasileiro da época, e o desconhecimento da medicina, das formas de contágio, diagnóstico e o tratamento. Com a demora na resposta aos problemas da gripe, foram muitos os infectados e a população, segundo os registros históricos de 1920, ficou à deriva sob sua própria sorte. Isso impactou diretamente o controle nos números de contágio, acarretando falta de dados estatísticos e o consequente aumento de vítimas fatais. É interessante comparar tanto os fatos como as imagens atuais com fotos que mostram o impacto das ações de prevenção contra o contágio nas notícias divulgadas durante a gripe espanhola, é possível verificar que as duas pandemias se assemelham em muitos aspectos.

Figura 1 - Uso de máscara na época da gripe espanhola e na Covid-19.



Fonte: <http://jbnews.com.br/a-pandemia-mais-grave-da-historia-foi-a-gripe-espanhola-de-1918durou-2-anos-em-3-ondas/>

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-19/brasil-chega-a-um-milhao-de-casos-de-covid-19-a-beira-de-um-plato-mas-flexibilizacao-freia-otimismo.html>

É possível observar que os problemas de desinformação também se repetem no atual contexto da Covid-19. Representantes do governo federal minimizam os problemas, enquanto as filas por vagas nos hospitais crescem e o número preocupante de mortos comprova a falta da estrutura de atendimento e equipamentos de proteção individual, como máscaras e até oxigênio nos serviços de saúde. Nesse contexto de proliferação de falsas informações sobre a pandemia, os meios de comunicação têm empreendido ações no sentido de pressionar o governo para que medidas sejam tomadas de forma rápida e que os números sobre contágio e mortes sejam apurados com precisão. As medidas de prevenção e controle são divulgadas com alertas permanentes na programação dos noticiários e consórcios foram criados por grandes veículos de comunicação para suprir a falta de informação do governo.

Figura 2 – Boletins com orientações para a prevenção à gripe espanhola e a Covid-19



Fonte: <https://d.gazetadealagoas.com.br/caderno-b/261560/quando-a-terra-parou>

Fonte: <https://unifei.edu.br/blog/unifei-se-manifesta-a-toda-a-comunidade-apos-a-oms-decretar-a-pandemia-do-coronavirus-na-ultima-quarta-feira-dia-11-de-marco/>

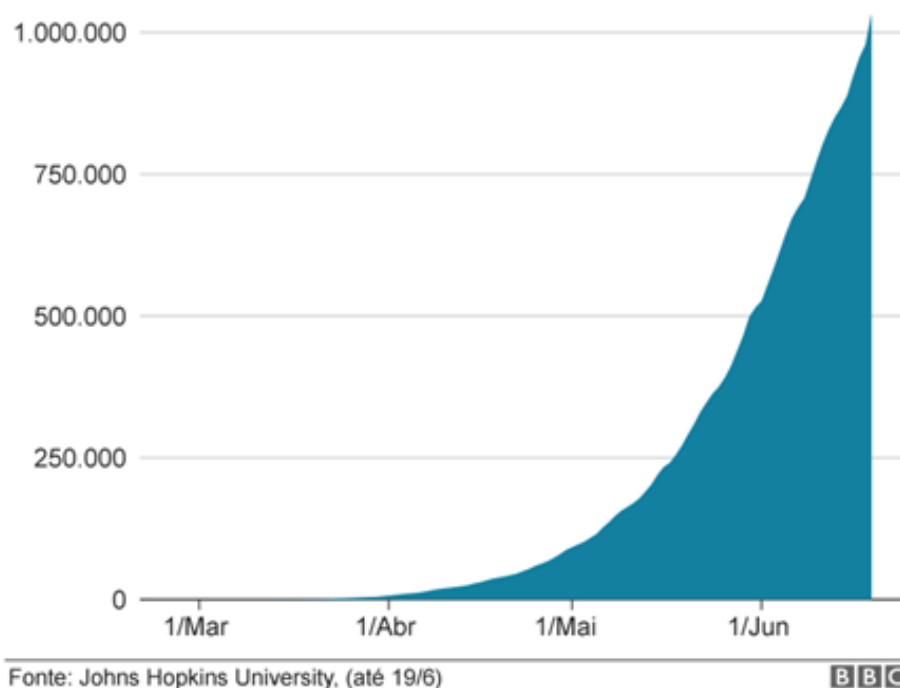
Tanto na pandemia da gripe espanhola, quanto na Covid-19, técnicos das instituições e representantes oficiais da saúde pública brasileira elaboraram guias com orientações, (Figura 2), aconselhando a população sobre cuidados necessários para evitar a proliferação da doença. Apesar de todos os esforços, tanto no contexto da Gripe Espanhola quanto na Covid-19, a maioria da população não atende aos apelos para o isolamento social e uso de máscaras. A disseminação das notícias falsas sobre a gravidade do problema tem prejudicado o controle da doença e as informações oficiais estão desalinhadas com o que dizem os cientistas e epidemiologistas.

4 Coronavírus no Brasil e a proliferação das Fakes News

O Brasil registrou o primeiro caso de coronavírus em 26 de fevereiro de 2020, entre o período de 01 de março a 01 de junho de 2020 o país já atingia a marca de 1 milhão de casos confirmados, conforme Figura 3. Desde então, a infecção se espalhou por todos os estados por meio da transmissão denominada “comunitária”, quando não se sabe onde, exatamente, uma pessoa contraiu o vírus e por onde ele circulou. O surgimento de novas variações do vírus

aumenta a chance de contágio. Em fevereiro de 2021 atingimos a marca de 220 mil mortos e XX milhões de infectados.

Figura 3 - Brasil: Escalada do primeiro caso até a marca de 1 milhão de infectados (março a junho de 2020)



Com a evolução da primeira onda de contágio no Brasil no primeiro semestre de 2020, cresceu também o número de informações falsas sobre a doença, e boa parte dessas informações tentavam administrar e popularizar tratamentos alternativos ou promessas de cura. A desinformação na crise sanitária teve a contribuição de autoridades do governo que estimularam o uso de medicação (cloroquina) sem comprovação ou evidência científica de sua eficácia e também minimizaram as medidas de proteção à população provocando o desabastecimento de hospitais com oxigênio e equipes preparadas para atender os doentes nas UTIs.

Uma pesquisa realizada a partir das informações falsas recebidas pelo aplicativo *Eu fiscalizo*, desenvolvido pela FIOCRUZ, (Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, ENSP, 2020). Identificou as principais “fakes” relacionadas à Covid-19 e também as redes sociais propagadoras. A investigação foi conduzida pelas pesquisadoras da ENSP/FIOCRUZ Claudia Galhardi e Maria Cecilia de Souza Minayo. A primeira etapa do estudo, para o período de 17 março a 10 de abril, revelou que 65% das informações falsas ensinam métodos caseiros na prevenção da covid-19, e 20% apresentam métodos caseiros para “curar” a doença. Na segunda

etapa da investigação, entre 11 de abril e 13 de maio, a pesquisa revelou que 24,6% das falsas informações apontam que a doença é uma estratégia política; 10,1% orientam sobre métodos caseiros para prevenir o contágio; 10,1% apresentam defesa no uso da cloroquina e hidroxicloroquina sem comprovação científica e 7,2% não concordam com o distanciamento social (GALHARDI, MINAYO, 2020).

Galhardi e Minayo demonstram também que 5,8% das *fakes* afirmam que o coronavírus foi criado em laboratório; 4,3% declaram o uso de ivermectina como cura para a doença; 4,3% são contra o uso de máscaras e 2,9% difamam os profissionais de saúde. A pesquisa aponta também que 15,9% das informações falsas se referem à covid-19 como uma farsa, um dado alarmante. A pesquisa da ENSP/FIOCRUZ apresentou também as redes sociais que mais propagam notícias falsas sobre o coronavírus no Brasil. A rede Instagram foi responsável pela publicação de 10,5%, e um total de 15,8% tem origem no Facebook. Segundo Galhardi e Minayo no Whatsapp circulam 73,7% de todas as informações falsas, demonstrando que essa rede é a principal propagadora de *fakes* sobre o corona vírus no Brasil (GALHARDI, MINAYO, 2020).

Esse cenário de incertezas em questões sensíveis como a saúde das pessoas e a proliferação de *fake news* sem uma resposta mais efetiva do Estado, provoca a perda de credibilidade e confiabilidade nas instituições. Uma das possíveis causas da disseminação de falsas informações sobre fórmulas e receitas de cura pode ser um dos efeitos desse cenário impressionante de ascensão no número de mortos de março até junho. A fadiga com a situação de imprevisibilidade, ou seja, o desgaste provocado pela falta de tratamento efetivo e a oscilação com as medidas de enfrentamento no cenário são fatores que também contribuem para a desinformação e proliferação de informações imprecisas ou falsas.

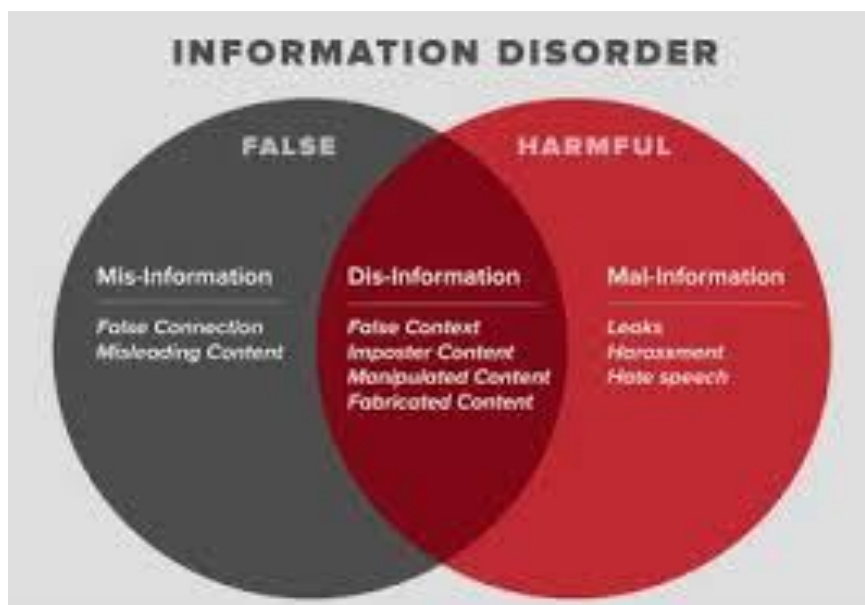
5 Desinformação e estratégia para o enfrentamento

Os estudos de Rafael Capurro sobre a amplitude na compreensão do termo “informação” indicam que os usuários, leitores e consumidores (e agora os internautas) selecionam a informação com base em seu próprio modelo mental, formação cultural, influência social, vivências históricas e ideológicas (CAPURRO *et al.*, 2007). E tudo depende também da capacidade e habilidade de interpretação de cada indivíduo. Daí a complexidade dos estudos que ajudem no combate à “desinformação” como também das estratégias para seu enfrentamento. Estudar informação significa por vezes compreender a desinformação como parte da questão e o seu ataque requer um processo de investigação e interpretação de fluxos informacionais e mapas mentais, usando para isso, os pressupostos da Ciência da Informação indicados por Capurro, combinados com ações relatadas por outras áreas, como a Comunicação, a psicologia e a Educação.

Para Belluzzo (2005) “a desinformação nessa era é talvez a razão da existência de muitos problemas sociais, uma vez que atinge o ser humano em sua maior propriedade: a racionalidade. Infere-se que a manipulação da informação pode muitas vezes ser uma atitude intencional para atingir objetivo de forma proposital. E isso pode configurar crime. O conhecimento sobre a produção de mensagens determina o sucesso em manipular conteúdo e forma e o uso criminoso das tecnologias pode alterar não só os fluxos da comunicação, mas o próprio sentido. O entendimento do fluxo permite a disseminação que é parte fundamental do processo de manipulação. Mas a verificação dos conteúdos depende dos usuários e de sua capacidade crítica em selecionar fontes.

Ao analisar o fenômeno da desinformação, Clarie Wardle (2017) identificou sete tipos diferentes de possibilidades que podem provocar danos e falsidade, que definiu como “desordem da informação”. A autora descreve três dimensões do processo com diferentes motivações: 1. Má-informação (Mis-information) - quando informações falsas são compartilhadas mas não causam nenhum dano significativo; 2. Des-informação (Dis-information) quando informações falsas são conscientemente compartilhadas com o intuito de causar danos; 3. E, por último, a Má-informação (*Mal-information*), quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos de forma proposital e com estratégia (WARDLE, 2017).

Figura 4 - Definição de desordem informacional



Fonte: Clarie Wardle, *Information Disorder: The definitional toolbox* (2017)

É possível inferir que o conceito de desinformação traz vários significados utilizados de formas diversas; e pode ser definido como ausência de informação, má informação e, às vezes, como informação manipulada e direcionada com intuito de enganar alguém. O combate ao problema tem gerado soluções tecnológicas e também no âmbito da criação de novos serviços de informação. Também é possível que programas de formação e educação de usuários possam contribuir para esse desafio.

O ambiente atual de desinformação gerou a retomada da preocupação com a qualidade das fontes de informação, uma oportunidade para o surgimento de sites conhecidos como “*fact Checking*”, verificadores da autenticidade de notícias, que objetivam minimizar a disseminação de informações de teor falso. Essas plataformas fazem a verificação de fatos ou checagem de dados usados em discursos, nas publicações na web e em mensagens de diferentes meios de comunicação, caso haja desconfiança sobre dados e informações (VETRITT, 2020). São iniciativas independentes, avaliadas e fiscalizadas, com base em um código de princípios da *International Fact Checking Network* (IFCN). Essa entidade sediada nos Estados Unidos reúne os principais sites de *factchecking* do mundo (IFCN, 2018). No Brasil surgiram várias iniciativas com essa prática, muitas vezes apoiadas pelos próprios meios de comunicação. Há um investimento dos grandes veículos em aumentar a oferta de serviços de checagem e uma tendência dos leitores e internautas em apurarem com mais cuidado as informações antes de compartilharem.

6 Metodologia, universo e amostra

A página do MS disponibilizou no início de 2020 um serviço de checagem de falsas informações, mas o trabalho foi impactado no final do primeiro semestre em meio a uma troca de ministros: foram quatro gestores de março até o final do primeiro ano da pandemia no Brasil e o país iniciou 2021 com informações desencontradas sobre um plano nacional de vacinação. A publicação “Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a covid-19”, divulgada entre os órgãos oficiais do MS não atendeu à demanda de estados e municípios que continuam sem informações completas e convincentes sobre o tema.

Para que a verificação dos dados sobre “desinformação” no contexto da crise sanitária no Brasil fosse validada, também foram investigados outros checadores e páginas jornalísticas de grandes jornais de circulação nacional, para identificar as falsas informações apuradas por veículos de imprensa mais importantes. Essa pesquisa analisa as informações registradas como “*fake news*” no site do Ministério da Saúde e também nas páginas administradas por outros checadores, identificando as ações tomadas para minimizar a desinformação no contexto da pandemia.

Para entender aspectos da desinformação relacionados a sua proliferação durante o primeiro ano da pandemia, foi avaliado também esse serviço de checagem no MS para analisar o que o ministério tem recebido e respondido sobre o tema. Ao identificar as notícias publicadas com o selo de falsas entre janeiro e maio de 2020, se obtém uma análise das informações e de eventuais medidas de controle. Esse trabalho foi desenvolvido em três fases:

- Fase 1 - Utilização de software (robô) para extrair textos em páginas do MS;
- Fase 2 - Processamento e análise de texto buscando categorizar os termos mais registrados na página de checagem do MS;
- Fase 3 - Uso de uma ferramenta de busca (Google Trends) que mostra os termos mais pesquisados pelos internautas.

Com a combinação dessas ferramentas foi possível definir métodos de busca, validação e análises das informações registradas no *site* do Ministério da Saúde, na sua página de checagem que trata especificamente as “*Fake news*”. Como método de organização dos dados apurados nesse primeiro levantamento, foram realizadas as seguintes atividades:

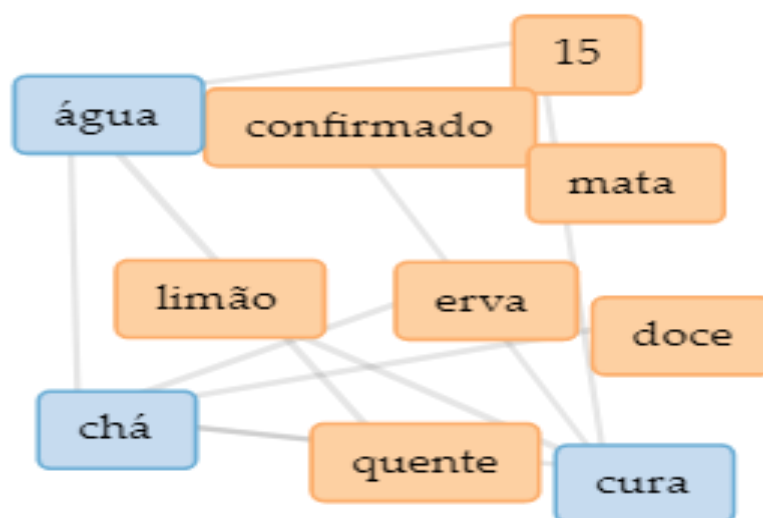
- 1) Identificação das páginas e de conteúdos que tratam especificamente sobre Coronavírus;
- 2) Definição da palavra-chave “Coronavírus” para a consulta a base de dados;
- 3) Coleta das informações com o uso de um robô;
- 4) Validação e tratamento das informações coletadas pelo robô;
- 5) Importação dos dados tratados no formato texto para ferramenta *online* e *open source* de análise de textos;
- 6) Processamento do texto com a identificação dos termos de maior frequência;
- 7) Análise e apresentação dos resultados por palavras que mais se repetem no texto.

Para verificar a veracidade dos números mostrados pelo MS, partiu-se para averiguar na página checadora do site se os conteúdos que tratam sobre o novo coronavírus (utilizando a palavra-chave ‘Coronavírus’ na base de dados da plataforma) indicavam alguma tendência. Demarcou-se o período de janeiro a maio de 2020 para a coleta das informações e apurou-se que a quantidade de notícias falsas (depois de retiradas as repetições) no *site* do MS correspondia um total de 81 registros. Adotou-se um critério de representatividade atribuído para a determinação da amostra selecionando-se apenas as notícias com o selo de ‘*fake news*’ sem considerar sua reprodução e repetição na base. Isso porque, no conjunto de palavras coletadas a partir do uso da palavra-chave ‘coronavírus’, identificou-se também um outro conjunto com notícias verdadeiras (que foram excluídas da pesquisa). Com isso, chegou-se a um total de 70 registros identificados como falsos registros.

7 Resultados e discussão

A partir do resultado do processamento dos 70 registros identificados como falsos, foram agrupadas as palavras que mais se repetem nessas mensagens no site do MS, para a criação de mapas conceituais (Figura 5).

Figura 5 – Representação gráfica da conexão entre os termos mais usados nas falsas mensagens publicadas no checador do MS (11/06/2020)



Fonte: Elaborada pelos autores

Percebe-se que as palavras “cura, água e chá”, são as que mais se repetem no resultado da análise. No Site do MS, infere-se que houve uma preocupação maior em registrar falsas mensagens sobre cura ou tratamento, talvez a busca pela palavra “cura” pode estar relacionada a uma *fake news*, compartilhada nesse mesmo período em uma rede social, destacando uma vacina que poderia curar a doença em questão de horas. Apesar da acentuada circulação dessas informações falsas, não há registro no MS de alertas e orientações corretas para esclarecer ou fornecer fontes de informação confiáveis à população a partir do serviço.

7.1 Análise com os demais Checadores

Para tentar interpretar esse universo de mensagens falsas sobre a pandemia no Brasil e comparar o serviço do MS com o de outros checadores, observou-se os padrões identificados por essas ferramentas de verificação e orientação. O mesmo procedimento foi realizado em outros três grandes checadores, vinculados à empresas de comunicação e também organizações

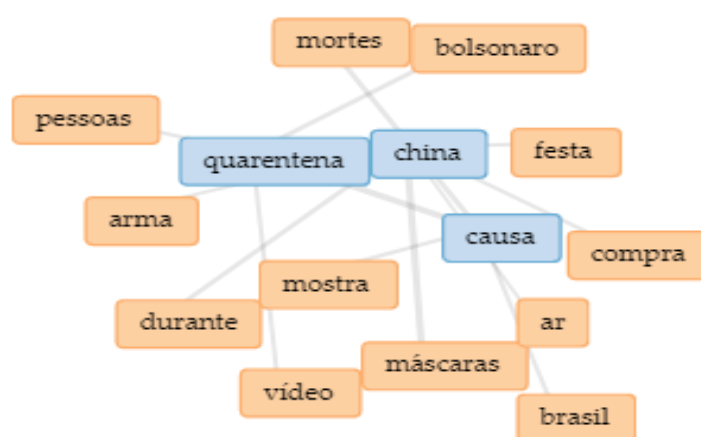
independentes: Boatos.org, Fatos Fakes e a Agência Lupa. O Objetivo era verificar as ações de checagem e a resposta da página às questões apresentadas pelos internautas e/ou usuários dessas redes. Observou-se na análise os princípios da *International Fact Checking Network* (IFCN).

Boatos.org e *Fatos Fakes* não são signatários do IFCN, por isso não são fiscalizados sobre o não partidarismo, transparência das fontes e financiamento, transparência metodológica, política de correções para informações abertas e honestas. Já a Agência Lupa é avaliada com base no código de princípios da IFCN e a página de “*Checking*” do MS, apesar de ser aliado ao IFCN, não foca nas declarações falsas de figuras públicas e gestores (TUMA, SALDANHA, 2019).

7.2 Checador Boatos.org

O Boatos.org¹ tem por objetivo compilar as falsas notícias que são contadas online, prestando um serviço para o usuário da internet. No Boatos.org, as palavras que mais se repetem, no mesmo período, janeiro e maio de 2020, nas mensagens de *fake news* identificadas, conforme Figura 6 são: china, quarentena e causa. Não foi identificada uma frequência na palavra “cura” e suas derivações. As outras duas palavras destacam o efeito da pandemia, como a quarentena e tudo que ela tem causado.

Figura 6 – Boatos.org - Representação gráfica da conexão entre os termos mais usados nas falsas mensagens publicadas no checador (11/06/2020)



Fonte: Elaborada pelos autores

¹ <https://www.boatos.org/>

A China é o centro das atenções nas várias mensagens relacionadas com o processo da criação e disseminação do vírus. A narrativa desse checador é focar na causa e os efeitos da pandemia.

7.3 Checador Fato ou Fake

O Fato ou Fake² surgiu em 2018 com o objetivo de alertar os brasileiros sobre conteúdos duvidosos disseminados na internet ou pelo celular, esclarecendo o que é notícia (fato) e o que é falsa informação (fake). Ele reúne as apurações do próprio site e de outros veículos do Grupo Globo – O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, Globo News e TV Globo. No checador Fato e Fake, entre janeiro e maio de 2020, as palavras de maior frequência nas mensagens identificadas são: vídeo, isolamento e foto. Não há nenhum destaque para a palavra “cura” e suas derivações.

Figura 7 – G1 – Fato ou Fake - *Nuvem de tags com termos mais usados nas falsas mensagens publicadas no checador (11/06/2020)*



Fonte: Elaborada pelos autores

Nesse checador as falsas mensagens relacionam-se com os vídeos que criticam as políticas restritivas adotadas pelo Governo. Os textos com falsas informações são analisados e confrontados com os registros de imagens de festas e aglomerações com ações da polícia para fiscalizar o isolamento social. A checagem é feita com a informação sobre o aumento de contágio e a entrevista de infectologistas e epidemiologistas.

² <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>

Há fotos com hospital vazio, autoridades circulando sem proteção individual, participando de festas, etc. Além da identificação das informações falsas, são identificados também pelo checador as imagens e registros tirados de contexto com o objetivo de distorcer informações. A “descontextualização” de registros é uma prática já estabelecida entre os que produzem falsas informações. As criar um falso contexto com a manipulação de dados, pode-se falsear uma informação. Quando um conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa confunde-se as pessoas (WARDLE, DERA KHSHAN, 2017). A narrativa desse checador foca nas políticas adotadas pelo governo federal para reforçar o discurso de descontrole na pandemia e da incompetência dos gestores.

7.4 Agência LUPA

A agência Lupa³ segue uma metodologia de trabalho desenvolvida com base em processos de sucesso implantados por plataformas de *fact-checking*, e cumpre as orientações pactuadas por ser signatária do código de princípios da *International Fact Checking Network (IFCN)*. Também não foram identificadas a palavra “cura” e suas derivações no checador Lupa. As palavras com maior frequência nas mensagens falsas identificadas pela LUPA, no período de janeiro e maio de 2020 (Figura 8) são: vídeo, pacientes e pandemia.

Figura 8 – Agência Lupa - *Representação gráfica da conexão entre os termos mais usados nas falsas mensagens publicadas no checador (11/06/2020)*



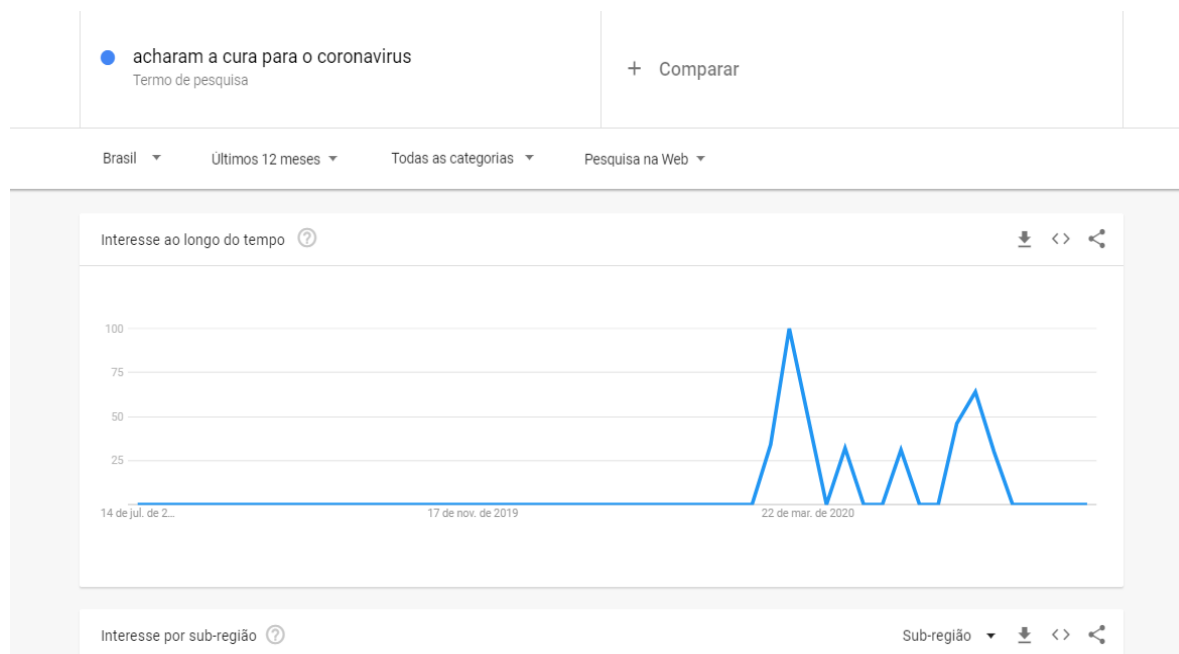
Fonte: Elaborada pelos autores

³ <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>

No *Lupa* os destaques são para as mensagens manipuladas com vídeos e fotos relacionando fatos antigos com o contexto atual da pandemia. Como por exemplo: destaques para a *fake news* sobre caixões vazios que tentava desacreditar o crescente número de mortos no Amazonas. Suposta reportagem com alerta da OMS sobre máscaras infectadas também foi marcada. A narrativa desse checador é a preocupação com o contexto usado nas mensagens falsas. Percebe-se que são imagens e registros tirados de contexto com o objetivo de distorcer a informação. Detecta-se novamente a estratégia de falso contexto e manipulação de dados (WARDLE, DERA KHSHAN, 2017). Fazendo uma inferência, é possível afirmar que não há um padrão nas *fake news* avaliadas pelos checadores no período analisado, e que as falsas informações são influenciadas por vários fatores.

Para tentar entender se há influência entre o que se publica e pesquisa na web com o que é verificado pelos checadores, foi usada uma ferramenta que permite acompanhar a evolução do número de buscas por uma determinada palavra-chave ou tópico ao longo do tempo (GOOGLE TRENDS, 2020). Para essa atividade, foi utilizada novamente a palavra “cura” relacionada ao coronavírus e uma frase sugerida pela própria ferramenta “acharam a cura do coronavírus”. Percebe-se que há na internet durante o período uma crescente busca da palavra, conforme Figura 9.

Figura 9– Pesquisa no Google sobre a cura do coronavírus no período analisado.



Fonte: <https://trends.google.com.br/trends/explore?geo=BR&q=acharam%20a%20cura%20para%20o%20coronavirus>

Analisando o Figura 9, infere-se que a busca por esse assunto provavelmente está relacionada a uma *fake news* publicada em 23 março de 2020 e compartilhada milhares de vezes em uma rede social, destacando uma vacina que cura o coronavírus em apenas três horas. Essa informação falsa foi verificada pela *Lupa* com a seguinte orientação: “#Verificamos: ‘Vacina’ que cura Covid-19 em apenas três horas não existe”. A Falsa informação afirmava ainda que a vacina seria lançada em alguns dias. O anúncio teria sido feito pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e a empresa farmacêutica Roche iria produzir a vacina. Essa desinformação também foi destaque em vários outros países e teve seu conteúdo verificado por mais de 100 plataformas de *fact-checking*, entre elas a LUPA (MARÉS, 2020).

8 Considerações Finais

Além do crescimento da oferta de produtos e serviços de combate à desinformação, a tecnologia tem avançado com as pesquisas sobre o tema. As características de linguagem utilizadas no tratamento de notícias falsas também têm sido objeto de exploração na área de Processamento de Linguagem Natural (PNL). Rafael *et al.* (2018) destaca que “[...] as tentativas de lidar com notícias falsas são relativamente recentes, tanto do ponto de vista teórico [...] como prático [...] alguns trabalhos anteriores mostraram que os seres humanos têm um fraco desempenho na separação de notícias verdadeiras e falsas. Rafael *et al.* (2018, p2).

Nessa pesquisa observou-se uma relação da evolução dos números de buscas por uma determinada palavra-chave ou tópico ao longo do tempo e sua influência nos checadores com sua respectiva verificação. Também é possível inferir que os discursos das autoridades governamentais, destacando opiniões sem nenhum conhecimento científico, pode influenciar na disseminação de falsas informações nas redes sociais (ARCANJO, 2020). Faz-se necessário ressaltar a relevância da pesquisa multidisciplinar para o combate a cultura da desinformação, pois é certo que investigações sobre a motivação para a disseminação de falsas informações podem auxiliar na melhoria da qualidade dos processos de comunicação, tornando os usuários das redes sociais mais seletivos com a escolha das fontes e relacionamentos.

Referências

ALMEIDA, Ricardo Marques de. Contra a Covid-19, não há direitos? **Revista Consultor Jurídico**. 01. [S. l.], 12 abr. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-abr-12/ricardo-marques-covid-19-nao-direitos?imprimir=1%20%20abril%20de%202020> Acesso em: 20 jun. 2020.

ALVES, Gabrielle Werenicz. Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus: Entrevista. **Notícias**, Porto Alegre, p. 1, 1 fev. 2020. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus-por-gabrielle-werenicz-alves> Acesso em: 20 jun. 2020.

ARCANJO, Daniela. Veja o que Bolsonaro já disse sobre coronavírus, de gripezinha a 'país de maricas'; assista a vídeo. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-coronavirus-de-certa-histeria-a-fantasia-e-nerouse.shtml?origin=folha> Acesso em: 20 jun 2020.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005.

CAPURRO, Rafael; Hjørland, Birger; Cardoso, Ana Maria Pereira (Trad.); Ferreira, Maria da Glória Achtschin (Trad.); Azevedo, Marco Antônio (Trad.). O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, nov. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54> Acesso em: 10 abr. 2020.

GALHARDI, Claudia; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Estudo identifica principais *fake news* relacionadas à Covid-19. In: **Estudo identifica principais fake news relacionadas à Covid-19: Informe Ensp**. Rio de Janeiro, 21 maio 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19> Acesso em: 20 nov. 2020.

GOOGLE (Brasil). Acharam a cura para o coronavírus. In: **Acharam a cura para o coronavírus: Pesquisar**. [S. l.], 8 jul. 2020. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?geo=BR&q=acharam%20a%20cura%20para%20o%20coronavirus> Acesso em: 8 Jul. 2020.

IFCN. INTERNATIONAL FACT CHECKING NETWORK: Code of Principles Report. In: **The commitments of the code of principles**. [S. l.], t. 2018. Disponível em: <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/know-more/the-commitments-of-the-code-of-principles> Acesso em: 14 out. 2020.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a Covid-19 no Brasil. **Psicologia Social**, Belo Horizonte, v. 32, e020004, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100403&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 20 Nov. 2020.

MARÉS, Francisco. #Verificamos: 'Vacina' que cura Covid-19 em apenas três horas não existe. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 1, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/23/verificamos-vacina-coronavirus-roche/> Acesso em: 8 jul. 2020.

TUMA, Ana Beatriz; SALDANHA, Felipe. Fact-checking e *debunking* na cobertura de saúde: análise comparativa das estratégias utilizadas e temas abordados por serviços brasileiros de checagem. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO, 6, 2019. São Paulo: Universidade Anhembi-Morumbi, p. 1, 29 jun. 2019.

VETRITT, Fabiana Grieco Cabral de Mello. Práticas de checagem de fatos no Brasil: os sites de fact-checking e a participação dos indivíduos em rede. **Cambiassu**, v. 15, n. 25, Jan./Jun. 2020. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/13870> Acesso em: 10 jul. 2020.

WARDLE, Clarie; DERAKHSHAN , Hossein. Information Disorder: Towards an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making. **First draft news**, [S. l.], 27 set. 2017. Council of Europe report DGI(2017)09, p. 1. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-de%CC%81sinformation-1.pdf?x33391> Acesso em: 12 mar. 2020.